

BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA COLONIAL: AS FONTES QUE NÃO CONHECEMOS

Gil, Maria Celina; PhD; Universidade de Campinas, mcelina@unicamp.br¹

RESUMO

Esse é um texto sobre museus, trajes de cena e atitudes decoloniais na criação artística. No processo de elaboração de um traje de cena, é comum que busquemos em museus e livros dedicados à história da indumentária por informações que nos inspirem a construir a visualidade desejada. Por vezes, produzir trajes sobre culturas, povos e tempos específicos pode ser um desafio, uma vez que frequentemente não há fontes primárias, ou seja, trajes remanescentes, fazendo com que o artista precise se basear em representações pictóricas e escultóricas que indiquem aquilo que os povos usavam. Porém, quando lidamos com trajes dos povos originários, tanto da América Latina quanto de África, esbarramos em um problema que antecede a presença ou não de fontes: a maneira como os sistemas coloniais lidaram com a arte produzida por esses povos. Para além do fato de que pessoas pertencentes a essas culturas foram sistematicamente apagadas das artes, se não representadas de maneira estereotipada nas pinturas e esculturas, há o fato de que muitos museus não apresentam informações aprofundadas sobre as peças de sua coleção. “Autoria desconhecida” e “local de coleta ou data de produção incertos” são informações frequentes nas obras vindas de povos de fora da Europa, principalmente do Sul Global. Nosso objetivo nesse texto é discutir, especificamente, o acesso a coleções de arte produzida no continente africano e como essas obras foram arquivadas e disponibilizadas a público. Acreditamos que a produção de trajes de cena que não se pautem em estereótipos e preconceitos parte principalmente de uma pesquisa inicial que se baseie em fontes de arquivos cuidadosos e respeito à ancestralidade dos povos em questão. Alguns dos museus com maiores coleções de arte africana no mundo hoje se localizam na Europa e essas obras foram majoritariamente levadas para o continente em processos de saque e invasão na segunda onda de colonização do século XIX. Frequentemente o que se percebe é que não houve preocupação com a produção de um arquivo de informações sobre as peças que respeitassem sua origem, autoria ou significado social. Isso pode estar ligado ao fato de que, para o colonizador, aquilo que estava sendo levado não poderia ser considerado hierarquicamente equivalente às suas próprias produções artísticas. A notação genérica sobre obras nos museus pode levar à produção de trajes de cena que reproduzem o mesmo processo de invisibilização que os colonizadores perpetraram no passado. Esperamos com esse texto chamar a atenção para alguns problemas possíveis com os quais os artistas do traje podem esbarrar, essencialmente, a

¹ Mestra (2018) e Doutora (2023) em História do Teatro pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora de pós-doutorado no Instituto de Artes da Universidade de Campinas. Seus campos de estudo envolvem traje de cena, cenografia, moda, trabalho manual, artesanaria e cinema. Membro do Núcleo de Traje de Cena da USP.

necessidade de desviar da armadilha de tratar “arte africana” como algo único, sem particularidades, além da importância de combater a expectativa de estaticidade da arte produzida no Sul Global, como se as produções artísticas tivessem se mantido inalteradas nos últimos séculos e que, somente sob essa condição, elas seriam “legítimas” ou “verdadeiras”. Assim, o que defendemos aqui é que a escolha de onde buscar fontes para a inspiração de seus trabalhos é, por si só, um ato político. O artigo parte principalmente dos estudos sobre colonização de Franz Fanon, das análises sobre história da arte em África de J. Vasina e de Frank Willett, da teoria de Patrice Pavis sobre o teatro no cruzamento de culturas e das propostas de reforma dos museus a partir de uma perspectiva decolonial de Françoise Vergès.

Palavras-chave: traje de cena; museus; decolonialidade.

